

# Inteligência artificial e jornalismo: alianças possíveis para traduções além do humano<sup>1</sup>

Evandro J. M. Laia<sup>I</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-8463-3176>

Adriana Bravin<sup>I</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-2454-3486>

Lara Linhalis Guimarães<sup>I</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-2728-3314>

Marina Magalhães de Moraes<sup>II</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-1124-8269>

I - Universidade Federal de Ouro Preto.  
Mariana (MG). Brasil.

II - Universidade Federal do Amazonas.  
Parintins (AM). Brasil.

**Resumo:** O artigo aborda as conexões entre jornalismo(s), no plural, e as hiperinteligências, como as linguagens da inteligência artificial. Reflete sobre o que se transforma por meio das associações nas quais estamos implicados, seja em relação ao que define o jornalismo como um modo de acessar e traduzir o mundo, seja em relação ao que afeta as práticas e formação dos jornalistas. Indaga o que as hiperinteligências fomentam como possibilidade de existência para esse campo, aponta alianças possíveis com os não humanos, por meio da Teoria Ator-Rede e de cosmologias originárias, e vislumbra a importância de saber fazer perguntas, em um mundo em que jornalistas atuam em aliança com as inteligências artificiais.

1 Este texto é o desenvolvimento de uma primeira versão, resumida, apresentada pelos autores no XVII Congresso da Associação Latino-americana de Pesquisadores da Comunicação (Alaic), na Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Bauru, entre os dias 20 e 22 de agosto de 2024.

**Palavras-chave:** jornalismo; inteligência artificial; hiperinteligência; cuidado; tradução

**Abstract: Artificial intelligence and journalism: possible alliances for translations beyond human** - The paper addresses the connections between journalism(s), in the plural, and hyperintelligences, such as artificial intelligence languages. It ponders about what is being transformed by the associations in which we are involved, both in terms of what defines journalism as a way of accessing and translating the world, and in terms of what affects journalists' practices and training. It inquires what hyperintelligences are fostering as a possibility of existence for this field, points to possible alliances with non-humans, based on Actor-Network Theory and original cosmologies, and catches a glimpse of the importance of knowing how to ask questions in a world where journalists work in alliance with artificial intelligences.

**Keywords:** journalism; artificial intelligence; hyperintelligence; care; translation.

## Introdução

O discurso apocalíptico em torno das possibilidades trazidas pelas mais novas gerações de robôs algorítmicos de bate-papo — os *chatbots* como o Chat GPT-4 e o Gemini (ex-Bard) — assim como, de um modo mais amplo, pelo avanço vertiginoso das linguagens sintéticas que tornam possíveis as inteligências artificiais (IAs), voltou-se — e ainda perdura — para a atividade jornalística anunciando, mais uma vez, o seu fim. O texto que apresentamos não tem o objetivo de engrossar essa fileira, embora reconheçamos que há, de fato, uma corda bamba esticada bem à frente dos jornalistas (especialmente os profissionais) para atravessar este momento de profundas mudanças. Mas, ao mesmo tempo, afirmamos que tais mudanças são mais amplas, e a possível agonia do jornalismo é apenas uma das questões que se avizinham.

O antropólogo Renzo Taddei, ao tratar do pensamento contemporâneo sobre jornalismo, nos lembra que vivemos um momento muito particular da história em razão da experiência já indubitável das mudanças climáticas, ao mesmo tempo que estamos às portas da computação quântica.

Nas novas redes sociotécnicas em que se constituirão os processos de produção de imaginação coletiva e das convenções sociais, e de onde emergirão novas formas de experiência do mundo e da vida no futuro, as relações entre humanos e máquinas ocuparão lugar central. Dentro do que se convencionou chamar de filosofia da inteligência artificial, existem autores que postulam que os avanços tecnológicos previstos podem trazer a redenção final

da humanidade frente a mazelas com as quais digladiou-se por toda a sua história, como epidemias e fome; ou podem representar a maior ameaça à espécie humana de toda a sua história (Medeiros, 2022, p. 12).

Portanto, o fim que se anuncia não é o do jornalismo, ao menos não apenas o do jornalismo, cujo obituário já foi publicado de forma apressada muitas outras vezes. De fato, o que nos parece é que esse modo de traduzir o mundo nasce de uma crise — a Revolução Francesa (Marcondes Filho, 2000) —, mas uma crise bem localizada, geográfica e historicamente, e, por isso mesmo, marcada pela visão de mundo da modernidade europeia. Ainda que tenha sido outros, o jornalismo — ou uma certa ideia hegemônica do que é jornalismo — chega até nós como uma abordagem humanista, marcado pela cisão entre natureza e cultura, ou seja, entre homem e máquina, entre jornalista e tecnologia.

Por isso, usamos o nome inteligência artificial com parcimônia, como uma designação temporária, na falta de outra melhor, para tratar do fenômeno em questão. Basta fazer o contraponto: qual inteligência não é natural? Massimo Di Felice (2023) lembra que a própria ideia de inteligência começa com a história humana como espécie, assumindo formas diversas — oralidades, escrita, eletricidade, digital, data —, a expandirem a nossa condição de conexão. Por outro lado, a ideia de artifício retoma a cisão fundamental que encarna o entrave que queremos evitar na nossa reflexão. “As diversas formas de inteligências, os *data*, o clima, os vírus, estão em todas as partes, dentro e fora de nós. Nós somos clima, *data*, vírus, redes e passamos a adquirir nossas qualidades através da conexão com as redes e as tecnologias, supostamente, ‘artificiais’” (*Ibidem*, p. 41).

Quando acionamos a ideia de conexão — em vez do uso das tecnologias digitais, especialmente das inteligências artificiais — no nosso texto, estamos tratando de um limite que vai muito além dos homens-entre-eles da sociologia clássica. Estamos falando dos não humanos que estão enredados na teia de produção desse modo de tradução do mundo, tanto no que o jornalismo — no singular, na versão negócio empresarial de comunicação —, quanto no que os jornalismo — no plural, na diversidade de iniciativas do que em determinado momento convencionou-se chamar de jornalismo pós-industrial (Anderson, Bell, Shirky, 2012) — têm experimentado no transe inaugurado com a digitalização e a conexão em rede pela internet. Neste texto tratamos, concomitantemente, desses dois aspectos, que consideramos inseparáveis.

Há ainda um segundo nome, que acionamos para tratar da inteligência artificial. O conceito de hiperinteligência, proposto por Di Felice, é inspirado em J. Lovelock, para quem a inteligência humana é parte de outras inteligências, sendo dependente das que irão sucedê-la. Di Felice desenvolve a ideia de hiperinteligência como uma propriedade distribuída, ou seja, uma habilidade ecossistêmica “não mais ‘cérebro-cêntrica’, ‘sujeito-cêntrica’ ou ‘computador-cêntrica’, mas reticular e conectiva” (*Ibidem*, p. 47), que se desenvolve por meio de acertos e erros, tornando-se capaz de aprender. A diferença em relação às demais formas de inteligência, sejam humanas ou computadorizadas, é que a propriedade conectiva das hiperinteligências propicia que estas sejam geradas sempre em conexões entre entidades orgânicas e não orgânicas, como o Chat GPT, que resultam de uma rede híbrida e transorgânica. Por isto, esse autor não considera as linguagens sintéticas como uma forma de inteligência, “mas como membrana de formas de hiperinteligência da qual também somos parte” (*Ibidem*, p. 48).

Neste artigo, abordamos a conexão entre jornalismo, no plural, e a hiperinteligência que resulta de uma rede híbrida e transorgânica, a exemplo das linguagens sintéticas desenvolvidas pela inteligência artificial, como o Chat GPT-4 e o Gemini. O desafio posto é o de refletir a respeito do que se transforma com essas conexões nas quais estamos implicados, seja naquilo que conforma e define uma ideia de jornalismo — essa instância de saber e poder sobre um determinado modo de acessar e traduzir o mundo —, seja naquilo que afeta os jornalistas do presente e do futuro em sua formação e em suas alianças com as IAs. Posto isto, indagamos: o que as hiperinteligências estão fomentando, desenhando como possibilidade de existência para o jornalismo e para os jornalistas?

## Jornalisms para além do humano

Muito temos falado e escrito sobre a urgente necessidade de superar a divisão natureza-cultura, que vai se desdobrar no antagonismo homem-máquina, humano-tecnologia. Nos estudos em jornalismo, assim como na prática profissional, também temos insistido nisso. Embora estejamos problematizando essa relação, ainda assim, temos acionado o verbo *usar* para designar o modo como lidamos com as mais diversas tecnologias, do bloco de notas aos *chatbots*. Estamos tratando aqui da cisão fundamental entre natureza e cultura, retomando, entre outras abordagens possíveis, a Teoria Ator-Rede (TAR) como bússola desta reflexão.

Ao contrário do método da ciência moderna, a TAR não aparta o objeto/ sujeito de pesquisa de suas conexões com o mundo, mas, ao contrário, busca mapear a rede de forças a qual o fenômeno está ligado, sem o que Bruno Latour (1994) chamou de purificação, um processo de construção da realidade, típico da modernidade, de separação de humanos e não humanos em zonas ontologicamente opostas. Massimo Di Felice avança nessa perspectiva afirmando que

[...] a episteme que busca compreender as evoluções e as transformações da nossa época através da separação entre o “natural” e “o artificial”, a inteligência humana e a inteligência artificial, nos tornou cegos e representa hoje, claramente, a perpetuação da vontade de potência do homem ocidental sobre o mundo (Di Felice, 2023, p. 41).

É neste contexto que se apresenta a necessidade da superação do conceito de inteligência, entendido como uma propriedade exclusivamente humana e como uma qualidade exclusiva do sujeito, purificada, livre do objeto. A purificação faz parte da atividade jornalística desde seu nascimento. Um bom exemplo é o acionamento do verbo *apurar* para designar o processo de coleta e checagem de informações na lida jornalística. Apurar, purificar, separar o joio do trigo, a verdade da mentira, o fato da opinião, são ações ligadas à dicotomia fundante da metafísica ocidental que ganha força na modernidade europeia com o discurso científico.

A transformação do jornalismo-acontecimento, fruto da Revolução, em um jornalismo-essência, do século XX, é definida por Marcondes Filho (2000) em quatro tempos da atividade. O primeiro jornalismo teria sido inventado durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII, carregado das contradições dos ideais iluministas. A principal característica desse tempo é a imprensa partidária: os próprios jornalistas eram políticos, e o jornal, porta-voz destes, o que ajudava a precipitar a democracia como ideal de gestão coletiva. O segundo jornalismo tem início no século XIX, a partir da profissionalização da atividade, com a construção de lugares específicos para esse tipo de trabalho, as redações e, de acordo com Nelson Traquina (2005), a figura do repórter é criada com a função apenas de reportar fatos, desconsiderando toda uma rede de conexões anteriores e posteriores ao trabalho de reportagem, emulando, no seu trabalho, a objetividade científica. É também nesse tempo que a venda de anúncios supera o financiamento público e partidário dos jornais.

O terceiro jornalismo é forjado no século XX, na esteira do cientificismo, com a formação dos grandes conglomerados de comunicação. “A progressiva transformação das notícias em negócio é o que agenciou, definitivamente, a invenção do conceito de objetividade no jornalismo. Os fatos substituíram os comentários, na confiança de que a palavra refletiria a realidade observada tal como ela se apresenta” (Medeiros, 2022, p. 148). O texto passou a obedecer a um conjunto de regras e procedimentos que devem seguir um formato e evitar a subjetividade, precipitando o que Traquina (2005, p. 52) chamou de “culto dos fatos”. Mais do que um mediador, o jornalista passa a ser o mais legítimo tradutor da realidade social.

O que Marcondes Filho classifica como o quarto jornalismo, da era informática, nos parece apocalíptico, por ser oposto ao modo como entendemos o trânsito entre tecnologias digitais e pessoas humanas, uma definição que também será problematizada neste texto. Esse olhar, marcado pelo seu tempo, não inviabiliza a aproximação com o pensamento que tecemos aqui, já que nos interessa menos a classificação em si, proposta por ele, e mais o gesto de propor essa revisão histórica, na qual o autor desconstrói a ideia de um jornalismo-essência, de uma certa pureza nesse fazer. O que nos chama a atenção é o rompimento de uma ideia uníssona de jornalismo, o que abre caminho para o que apresentamos nesta reflexão: a nossa proposta de pensar, numa primeira mirada, as apropriações, os usos de determinada tecnologia, para, logo em seguida, vislumbrar as alianças possíveis, por meio de conexões que mudam o próprio entendimento do que é jornalismo. É a partir desse lugar que perguntamos: o que as hiperinteligências estão fomentando, desenhando como possibilidade de existência para o jornalismo e para o jornalista?

## **Apropriações e alianças em formação**

Tratando da perspectiva dos processos de produção jornalística nas redações, é importante reforçar que, agora, redes de inteligência não humanas são capazes de gerar textos e imagens com base em informações obtidas de imensos bancos de dados, amparadas por modelos de treinamento e aprendizagem, forjando um acervo de memórias impossível de ser processado por um jornalista humano. Assim se constroem narrativas em uma linguagem não humana, porém, muito próxima daquela que desenvolvemos, com coerência, encadeamento de frases, sequência de fatos jamais vistos. Isso resulta de um treinamento de um modelo massivo de dados

para gerar previsões sobre a próxima palavra ou frase com base em um contexto anterior.

O lançamento da versão do Chat GPT-4, no começo de 2023, logo foi apropriado para alguns serviços automatizados, como traduções, geração de textos e resumos, criação de imagens ou obras artísticas, até a busca por respostas a perguntas de diversas naturezas. Tal potencialidade, inspirada nas nossas redes neurais profundas para desempenhar multitarefas de processamento de linguagem, representa uma mudança sem precedentes não apenas no campo da comunicação, mas também com aplicações nos negócios, na saúde, em diversas áreas de nossa vida.

No escopo da produção de textos e imagens, essas inteligências operam na criação de descrições, resumos de textos e geração de notícias automatizadas. Mas é na produção de conteúdo criativo que elas podem soar “mais humanas”, por meio dos textos poéticos, fotografias, narrativas de ficção, traduções de conteúdo de uma língua pela outra (com o diferencial de contextualizar informações de diferentes culturas). Também são capazes de produzir resumos de documentos ou artigos longos, tornando a leitura mais acessível, o que pode ser muito útil no campo do jornalismo, em que o tempo vem se tornando cada vez mais escasso.

A versatilidade, a habilidade de falar (escrever, pintar, desenhar) sobre várias coisas representa uma polivalência (Scolari, 2008), temática cada vez mais exigida do profissional de jornalismo, fomentada desde a emergência do jornalismo móvel. Se no modelo de comunicação de massa o jornalista era valorizado de acordo com sua especialidade em determinada editoria por conta do aprofundamento temático, acesso a fontes e estilo de escrita, o que vivenciamos nos últimos anos diante da crise do jornalismo e do enxugamento das redações é a utilização do profissional para desempenhar diversas funções, em múltiplos meios e linguagens, em tempos de jornalismo multiplataforma. Ao mesmo tempo que isso nos gera uma miríade de possibilidades narrativas, de construção de notícias, de consulta a fontes não humanas, a banco de dados mundialmente conectados que contribuem para a construção dessas histórias contadas nos jornais, espera-se também que o jornalista fale ou escreva tão bem sobre qualquer assunto. Assim, como máquinas — quando o caminho possível seria fazer com elas.

Em termos de oportunidades, diante da possibilidade de responder, ao menos em tese, a qualquer pergunta — de receita de bolo a petição judicial

(Suzuki, 2023) —, tais *chatbots* se inserem na rotina produtiva do jornalismo — nas empresas, mas também nas experiências nativas digitais e/ou o que vem sendo chamado de jornalismo pós-industrial — em diversos eixos. Elenecemos alguns deles, com base na nossa discussão e na breve experiência de bate-papo esses não humanos:

- Tradução dos discursos, simplificando assuntos extremamente complexos, linguagens específicas de diversos campos de conhecimento (saúde, direito, ciências em geral) para grandes e heterogêneas audiências;
- Resumo de textos ou documentos longos, em diferentes línguas, ajudando a entender melhor pesquisas ou processos, acelerando o trabalho de produção das pautas;
- Criação de perguntas para entrevistas, em um processo de cocriação com o jornalista, uma vez que o *chat* pode modelar novas perguntas com base naquelas iniciais, com o incremento do processamento de uma série de dados — aos quais não temos acesso — sobre o assunto, com informações e contextos que podem aprimorar o trabalho do jornalista;
- Busca por fontes para tratar de determinados temas, pessoas especializadas, instituições, organizações que podem contribuir com a pauta em questão;
- Subedição ou revisão de textos, apontando ou corrigindo erros, contribuindo para a construção das narrativas;
- Alteração de formatos jornalísticos (transformar uma reportagem em uma nota, uma nota em um editorial, entre outras reformatações), adaptando-os para diferentes linguagens (como a passagem de um áudio para uma notícia transcrita), até mesmo em coautoria (criar uma imagem para ilustrar uma reportagem, por exemplo).

Entretanto, para além da demanda profissional por uma polivalência temática aqui tratada — a midiática (multimeios e linguagens) e a tecnológica (operar equipamentos e programas) (Scolari, 2008) —, lembramos-nos do desafio de uma mudança de mentalidade em torno da relação com essas inteligências: superar a visão da tecnologia como ameaça, como um impacto, como algo que vem de fora, e levar em conta — não sem criticidade —



as possibilidades que se inauguram com essas alianças em uma perspectiva reticular, que supere as divisões (homem-tecnologia-natureza).

Quanto ao mercado de trabalho, preocupação de muitos jornalistas experientes ou em formação, importa considerar que o processo de reconfiguração das redações por meio da integração de novos atores — engenheiros de *softwares*, gestores de conteúdo para plataformas digitais, *designers*, entre outros — não é um fenômeno tão recente assim (Canavilhas *et alii*, 2016). Isso vem desafiando o profissional — e o campo do jornalismo — a repensar o seu papel diante de fenômenos como a desordem informacional (Wardle e Derakhshan, 2023) e a ação algorítmica no agenciamento dos fluxos informacionais (Kischinhevsky e Fraga, 2020) em uma sociedade plataformizada. A corda bamba já está esticada à frente dos jornalistas faz tempo, talvez as IAs possam ajudar a afrouxá-la, mas, por enquanto, só talvez.

Outro ponto de preocupação, não apenas para os jornalistas, como para escritores e artistas, é a questão da autoria. Quando se constrói um trabalho em colaboração com um *chatbot*, quem é o autor? Fizemos esta pergunta em um experimento com o Chat GPT-4 e ele atribuiu a autoria a quem fez a pergunta inicial. De um lado, artistas e escritores podem ver seus estilos criativos serem copiados por esses programas sem nenhum crédito ou compensação financeira. Do outro, tais programas que processam dados e criam conteúdos também podem ter suas criações copiadas e apropriadas sem as devidas referências por humanos, gerando um tensionamento que não é unilateral.

Há ainda os riscos de imprecisão nas respostas e os *delays* de atualização desses programas. Em outro experimento, pedimos ao Chat GPT-4 para criar um poema em homenagem a Rita Lee na ocasião da morte da cantora, em 8 de maio de 2023. Mas a hiperinteligência não estava atualizada de forma tão imediata e o *chatbot* não atendeu ao nosso pedido. Tal lacuna se atribui ao fato de ela ser treinada por um imenso volume de dados disponíveis na internet (na época da nossa pesquisa, apenas aqueles disponibilizados até setembro de 2021), então, responde a solicitações fazendo previsões com base em uma modelagem, a fim de gerar as respostas mais prováveis às perguntas feitas (Borges Junior, 2024). Por isso, podem gerar respostas incorretas ou distorções ao manipular o conteúdo *sugado* da internet.

Também têm sido recorrentes as discussões sobre o enviesamento desses dados, no que diz respeito à difusão de estereótipos e padrões. Uma vez

que o desenvolvimento da inteligência se deu com base na coleta e no processamento de quantidades massivas de dados, a informação que a tecnologia vai retornar para nós será tão enviesada quanto a informação pela qual foi treinada. Logo, uma hiperinteligência pode gerar resultados racistas ou discriminatórios que refletem as dinâmicas da sociedade em que está empregada, fenômeno tratado sob o signo do racismo algorítmico (Silva, 2022). Por isso a importância de buscar uma interdisciplinaridade entre as ciências sociais, humanas e exatas no desenvolvimento dessas tecnologias e também para uma formação profissional que não seja demasiado tecnófila, integrada e acrítica, tampouco tecnofóbica diante de algo que representa um ponto de não retorno. Trata-se de um desafio sobre o pensar: pensar com as tecnologias, escrever e pesquisar com elas, entrevistá-las, saber fazer as perguntas, reconhecê-las como coautoras dessas narrativas — em vez de encará-las como inteligências *artificiais* ameaçadoras, que disputam conosco o lugar de geração de conhecimento. Porém, sem prescindir das reflexões sobre os significados dessas novas alianças.

## Traduções além do humano

Com base no que está posto, deveríamos assumir a configuração de narrativas jornalísticas com as hiperinteligências como um deslocamento de lugares de existência muito caros ao jornalismo e aos jornalistas. Além disso, essas novas conexões parecem nos desafiar a praticar o *desapego* em relação a uma certa *identidade jornalística*, calcada principalmente na agência humana, posto que as hiperinteligências nos convidam a produzir um novo conhecimento coletivo a partir de lugares onde não somos mais protagonistas. Muito do que se fala a respeito desse lugar de produção de verdades, no qual o jornalismo-essência esteve confortável, envolve o contraponto entre relato jornalístico e relato ficcional, entre objetividade e subjetividade. Por um lado, há a questão da *ficcionalização* do relato tratada como *tudo aquilo que não é jornalismo*. Por outro, o gênero noticioso impondo-se, por excelência, como o mais fiel aos fatos, visto desenvolver-se em uma linguagem objetiva, logo, estaria para a *verdade* jornalística, trazendo ao centro da enunciação o acontecimento em si e as respostas às seis perguntas do *lead*: o que, quem, quando, onde, como, por que.

Entre os muitos marcos a contribuir para alargar esse horizonte narrativo está o Novo Jornalismo (New Journalism), ou segundo Novo Jornalismo (Souza, 2001), que surge nos Estados Unidos, na década de 60 do século XX,

como um movimento de renovação do jornalismo a apostar no estilo literário e no aprofundamento da investigação. A obra não ficcional *A sangue frio*, de Truman Capote (2003), expoente do movimento, torna-se uma referência ao dedicar-se não apenas a reconstruir fatos ocorridos — o assassinato de uma família — mas a introduzir o relato de não ficção como centro da narrativa. Para além de descrições superficiais, nesse modo de produção o jornalista aprofunda a investigação e o trabalho de documentação, mas se permite subjetivar o relato.

O jornalista passa a ser encarado como um intérprete activo da realidade enquanto o jornalismo se perspectiva como um fenómeno da mente e da linguagem. Mesmo se o acontecimento continua a ser o principal referente do discurso jornalístico, passa, porém, a ser a perspectiva do jornalista, impressionista e subjectiva, a constituir o centro da enunciação. [...] desta maneira, também o acontecimento passa a ser considerado um fenómeno da interacção entre a mente e a linguagem (*Ibidem*, p. 30).

Além desse aspecto, importa salientar a fricção entre um certo gênero de discurso jornalístico colocado à prova por esse movimento e gêneros discursivos emprestados da publicidade e do cinema que, como salienta Souza, renovam o estilo e a linguagem do jornalismo. Mundos da comunicação até então considerados *distantes* — jornalismo, publicidade e cinema — borram suas fronteiras. Se a subjetivação do relato jornalístico é um dos fenômenos a serem considerados no deslocamento daquele lugar objetivista de produção de verdades jornalísticas, uma vez que o jornalista narra como verdade com base no que ele elege como centro da narrativa, podemos avançar em relação à reflexão sobre a nossa interação com as hiperinteligências na produção de relatos jornalísticos, com a ressalva de que não estamos desconsiderando a necessária checagem das informações, premissa básica da atividade jornalística sobre a qual se assenta essa prática profissional.

Dizemos, portanto, que, com a subjetivação, o jornalista escolhe o *o que e como* narrar uma história com base na interação mente-linguagem, como enfatizado por Souza. Mas, diante de um acontecimento agenciado não somente pelo jornalista, mas também por meio da interação deste com uma das muitas linguagens de inteligência artificial disponíveis, o que agora está no centro da enunciação? Evidências comprovadas *in situ* pelo jornalista? Depoimentos colhidos no calor do momento? Aspas judiciosas para comprovar a autoria da informação? A descrição da cena? Quem produz o quê?

Numa aliança possível, o agenciamento se daria desde o que chamamos *mote* ou *gancho*, que conduziria a investigação: parte-se do saber fazer perguntas e envereda-se por bancos de dados e uma miríade de informações *traduzidas* pelas inteligências artificiais para tornar esse conjunto disforme acessível aos jornalistas. Ou seja, é possível, por meio da *língua-geral* do código binário, fazer humanos e máquinas conversarem, numa comunicação transespecífica, entre espécies diferentes de existentes, como trataremos adiante. Nesse tipo de *tradução*, quem narra o quê? A produção jornalística, sendo compartilhada por humanos e não humanos nesse agenciamento, faz com que o acontecimento agora possa ser considerado um fenômeno resultante da interação entre diferentes entes, para além da interação entre a mente e a linguagem, por meio de novas alianças formadas na conectividade.

Avançemos um pouco mais. O processo atual de dataficação da realidade se constitui com base em métodos de coleta, processamento e tratamento de dados, pelas grandes plataformas digitais, para produzir diagnósticos, com o intuito de realizar previsões.

Mesmo que processos de digitalização continuem a acontecer (criar um website, quantificar o número de passos de uma pessoa por dia, transformar um livro impresso em e-book, entre outros), eles estão inseridos em procedimentos algoritmos mais amplos de tratamento e captação de dados (Big Data, machine learning) (Lemos, 2021, p. 194).

A dataficação proporciona um enorme campo de trabalho para o jornalista. Mas, ao mesmo tempo, diante do emaranhado de informações tornadas disponíveis, nem sempre acessíveis, é preciso aplicar certos *filtros*, fazer perguntas aos dados, conversar com a máquina, fazer com. É preciso nos associarmos e nos desafiarmos, nesse sentido, a aprender a pensar com a linguagem binária de programação — com a possibilidade desse aprendizado ser conectado aos currículos das escolas e ao jornalismo — e, uma vez pensando com essa linguagem, nos tornarmos outros.

O gesto de entender a atividade jornalística de modo mais ampliado, como uma rede de conexões, ganha robustez na experiência dos movimentos sociais em rede que se espalharam pelo mundo a partir da Primavera Árabe, entre 2009 e 2010, passaram pela Europa e Estados Unidos e chegaram ao Brasil no Junho de 2013. Foi nesse contexto que o Committee to Protect Journalists (CPJ), entidade internacional de proteção aos jornalistas, passou a considerar passível de suas ações não apenas os jornalistas propriamente

ditos, mas toda a rede de produção. A então pesquisadora do CPJ, Sarah Rafsky, explicou esse raciocínio.

Nos primeiros dias da revolução na Síria [no conjunto da Primavera Árabe], muitos dos vídeos que estávamos vendo estavam sendo enviados por taxistas que estavam gravando em seus telefones. Se um taxista estivesse gravando em seu telefone e um franco-atirador do exército de Assad o visse e atirasse nele, porque ele o viu fazendo registros de interesse jornalísticos, nós contamos esse caso como sendo violência contra a imprensa (Medeiros, 2022, p. 35).

Se o ator estava envolvido no ato de gravar ou disseminar a imagem, ele fazia parte da rede, uma (in)definição que considera as conexões que produzem o jornalismo, em vez de considerar essa ação proveniente de um lugar estável, identificável do jornalismo-essência. Essa é uma premissa importante para pensar em como avançar na abordagem das redes sociotécnicas para além do humano. Não entendemos como produtivo pensar somente nos usos possíveis de tecnologias e redes autônomas disponíveis pelo jornalismo, mas justamente pensar como novas alianças, novas conexões que criam mundos, mudam o que entendemos como jornalismo. É com base nisso que organizamos um modo de olhar sobre a experiência do jornalismo, tendo como referência a relação desse fazer com uma certa ideia de humanidade, segundo Ailton Krenak.

Para Krenak (2020, p. 7), essa humanidade do humanismo ocidental que se apartou do corpo da Terra, é como “um clube seletivo que não aceita novos sócios”. O que nos parece, numa primeira mirada, é que o jornalismo — fruto das luzes, da iluminação — é tão parte desse clube seletivo quanto os jornalis- mos posteriores apresentados por Marcondes Filho (2000), já que estamos falando de um modo objetivista de produção de conhecimento que aparta humanidade e natureza e, do mesmo modo, aparta uma certa humanidade privilegiada — que tem a prerrogativa de agendar as discussões midiáticas — de uma grande maioria de outros sub-humanos, que não são prioridade.

Em contraposição a isso, vislumbramos a possibilidade de jornalis- mos de outros humanos, de fora do clube seletivo. Vislumbramos ainda a possibili- dade de ir além. Com os objetos que são fruto da ciência de dados, os com- putadores e as redes cibernéticas, o jornalismo poderia se dispor a ouvir esses não humanos por meio de sensores, com discursos produzidos por robôs de bate-papo, num (im)possível jornalismo de todas as coisas. Ou

seja: avançamos aqui de uma abordagem sobre o uso das tecnologias para um vislumbre sobre as associações possíveis, sobre como podemos criar alianças. Estamos falando de um jornalismo que entenda os não humanos como atores nessa ecologia reticular (Di Felice, 2023).

## Fazer com, saber perguntar

O fato é que há tempos utilizamos as inteligências artificiais no jornalismo, tanto na apuração e coleta de dados, quanto na produção de notícias, de textos estruturados por dados, no geral, e também na distribuição de uma série de conteúdos, a exemplo dos sistemas de recomendação. Essa sequência de utilizações não nos tensionava até então. O que mudou? Uma das principais transformações nas linguagens sintéticas mais recentes diz respeito à maior possibilidade de conectividade entre as agências envolvidas, no sentido que Latour (2005) dá ao termo. E essa ampliação das possibilidades conectivas nos convida a imaginar o surgimento de uma hiperinteligência. O convite torna-se uma provocação: se podemos criar juntos — nós e as coisas, ou até mesmo nós e a natureza, num pretense jornalismo de todas as coisas —, o que garante a especialidade do que chamamos de humanidade em relação às outras existências? As hiperinteligências precipitam o questionamento de uma certa ideia de *autenticidade* atrelada à condição de humanidade.

Acionamos uma ideia de humanidade forjada de um modo moderno de estar no mundo. Por outro lado, é plausível afirmar que há outros modos de existir não gestados pela modernidade europeia. A experiência da hiperconexão é um fenômeno que essa certa humanidade moderna tenta teorizar, porém, em algumas cosmologias originárias, é possível se conectar e se comunicar de modo transespecífico, ou seja, com outros existentes para além do que entendemos como humanos. Por isso mesmo, experiências de tradução gestadas nessas outras cosmologias oferecem significativas contribuições para pensar alianças possíveis com as tecnologias digitais, especialmente, na nossa discussão, as conexões que geram as “subjetividades e agências para além do humano” (Accoto, 2018, p. 5).

Tomamos como base, neste artigo, a experiência do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2002) com povos da Amazônia, que fez surgir a teoria do perspectivismo ameríndio. Para esses povos, o mundo é habitado por diferentes tipos de seres que são pessoas, têm capacidade de agência sobre as coisas, que constituem subjetividades para além do humano. Muitos desses

seres se veem como humanos (apesar de usar *roupas, peles* de animais, plantas, rochas), e, vendo-se como humanos, passam a ver todos os outros seres como não humanos. Há aqueles que têm a habilidade de esquematizar perspectivas, são os tradutores de mundos. Para os Yanomamis, esses seres são nomeados xamãs. Eles têm dupla cidadania, como um diplomata, porque estabelecem alianças transespecíficas, ou seja, são capazes de transitar entre diferentes mundos e se comunicar com existentes de outras espécies, por meio de uma espécie de *língua-geral*, como fazem os computadores, por meio do código binário (Moreira, 2017).

De acordo com a cosmologia Yanomami, a humanidade é essa língua comum. Como uma posição provisória, relacional, esse é um modo de existência estendido a uma grande quantidade de entes, ou seja, não é algo singular à nossa espécie. Fernanda Moreira afirma que, segundo Viveiros de Castro (1998, *apud* Moreira, 2017, p. 125), em determinadas cosmologias indígenas, computadores seriam qualificados como sujeitos, assim como animais, moedores de mandioca, canoas<sup>2</sup>. De acordo com ela, essa perspectiva nos oferece a possibilidade de “uma ideia não instrumental das tecnologias comunicativas, que permite pensar a relação entre elas a partir da incorporação de novas perspectivas” (Moreira, 2017, p. 130). Inspirados por esse modo de ser e estar no mundo, retomamos a pergunta inicial deste texto, agora formulada em outros termos: como fazer (e pensar) jornalismo com essas inteligências outras, dotadas cada qual de singularidades próprias?

A resposta retoma, inicialmente, Marcondes Filho (2009), segundo sua afirmação de que a comunicação digital, no mais recente dos quatro tempos do jornalismo apontados por ele, estabeleceu novos parâmetros sociais, provocando uma mudança radical.

O jornalismo — como os valores de progresso, evolução, razão — foram emanações de outra época histórica, foram epifenômenos da revolução industrial e da revolução social burguesa nos séculos 18 e 19. Não seria coerente que num momento de introdução revolucionária de técnicas de inscrição, armazenamento e reaproveitamento de informações — como é a informática — sobrevivessem derivações de outras épocas históricas (*Ibidem*, p. 42).

Essa inferência de Marcondes data dos primeiros anos deste século, quando as hiperinteligências não eram ainda tão presentes no jornalismo, e é seguida

2 Thiago Franco (2017) também afirma isso, por meio de sua convivência com os Krahô para pesquisa sobre digitalização de aldeias indígenas.

por um apelo por “revitalizar os valores decisivos que estão sendo soterrados com toda a nova agitação social” (*Ibidem*, p. 42), entre os quais, segundo ele, estariam o trabalho cuidadoso e as questões éticas.

Seguimos, acionando um artigo publicado recentemente, já sob a égide do nosso tempo, no qual Héloïse Hakimi Le Grand (2023), diretora de comunicação e *marketing* do Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ, na sigla em inglês), retoma um apontamento feito por Jennifer Brandel, uma das fundadoras da Hearken, empresa de consultoria de impacto social. A fala de Brandel se deu no âmbito do Media Party Chicago, conferência que explora a interseção entre IAs e jornalismo. Brandel especula, então, sobre o que os jornalistas fazem que as inteligências artificiais não conseguem fazer (ainda, diríamos).

Temos uma tecnologia de 521 milhões de anos chamada cérebro humano, que precisa de quantidades iguais de investimento para que possamos otimizar coisas como cuidado, compaixão, escuta profunda, apuração de informações, cocriação e disseminação. (...) Nós humanos ainda temos uma vantagem competitiva quando se trata de uma dimensão em relação à IA que é o cuidado (*Ibidem*).

Tanto em Marcondes Filho, quanto na reflexão proposta por Brandel, a dimensão do cuidado, mesmo que em sentidos singulares, aparece como valor primordial às alianças possíveis entre jornalismo e informática (para Marcondes Filho) ou entre jornalismo e IA (para Brandel). Há outros âmbitos a serem considerados nessa discussão, inspirados por um número extenso de modos de ser e estar no mundo. Partimos de uma cosmologia que compreende a humanidade como posição relacional e provisória, pela qual transitam tradutores de mundos que mobilizam perspectivas de humanidades e fazem dialogar diferentes tipos existentes. A comunicação transespecífica, ou seja, da troca entre diferentes espécies de existentes, é fruto de um modo hiperconectado de existência de povos originários amazônicos, por isso mesmo pode nos oferecer um importante aporte para pensar a comunicação entre humanos e máquinas, especialmente aqui, entre jornalistas e hiperinteligências.

Uma das mais importantes contribuições desse pensamento, entendemos, é a noção de cuidado. Há diferentes modos de pensar os problemas morais e muitos desses modos foram excluídos dos estudos sobre o desenvolvimento moral e das teorias éticas. Essa crença encontra a de Ailton Krenak quando ele diz que o nosso entendimento da ética coloca o humano no centro do mundo.



A ideia dessa responsabilidade de si diante do outro e do mundo, ela pode ter outros sentidos para além disso que nós chamamos de ética. [...] Se você se comunica, você está se comunicando com alguém, com algo, com alguém. E seria interessante a gente observar que toda comunicação do humano é feita consigo mesmo (Krenak, 2022).

A crítica de Krenak nos provoca a pensar quem são os outros com os quais nos associamos, nós, jornalistas. Pereira Júnior (2010, p. 93) acredita que “ao assumir o papel de mediador entre o real e o público, o jornalista busca intermediários para entender o mundo”. Por essa via, o convite aqui é para ampliar esses *outros* implicados no que chamamos, por convenção, de ética profissional. Se o jornalista busca intermediários para uma compreensão sobre o mundo, retomando Pereira Júnior, e se esses intermediários são cada vez mais diversos e singulares, especialmente considerando a entrada das IAs nessa rede, há que se (re)considerar a importância das perguntas, a fim de emaranhar “aquilo que se sabe com aquilo que o outro sabe” (*Ibidem*, p. 97).

Os jornalistas sabem fazer perguntas? Diante de uma fonte humana testemunhal ou do Chat GPT, por exemplo, temos ciência da qualidade do que perguntamos, com vistas a certa compreensão de mundo? Talvez essa seja uma provocação importante que emerge com a entrada das IAs no cerne do fazer jornalístico.

Úrsula K. Le Guin (2019), em *A mão esquerda da escuridão*, romance de ficção publicado pela primeira vez em 1969, apresenta-nos aos Respondedores que, numa primeira visada, têm o dom da vidência — assim como as IAs, levando em conta a lógica de funcionamento dessas inteligências por meio de quase infinitos cálculos de probabilidade (Borges Júnior, 2024). Genry, um dos personagens<sup>3</sup> do livro, em dado momento da narrativa, concentra-se na busca por respostas, e, por isso, faz perguntas. Ao que um dos Respondedores mobiliza o seguinte diálogo:

- Bem, vivemos nos Retiros principalmente para aprender quais perguntas evitar.
- Mas vocês são os Respondedores!
- Ainda não percebeu, Genry, por que aperfeiçoamos e praticamos a Vidência?
- Não...
- Para demonstrar a completa inutilidade de saber a resposta à pergunta errada (*Ibidem*, p. 84).

3 Os habitantes do planeta Inverno, esse mundo criado por Le Guin, não têm gênero definido, são homens ou mulheres, a depender da relação que estabelecem com outros seres com essa mesma natureza em variabilidade.

Uma resposta precária, muitas vezes, vincula-se a uma pergunta feita com pouco cuidado. A depender, por exemplo, do comando que se dá a um *chatbot*, o resultado pode ser desastroso, incompleto, inútil. O que nos parece é que esses atores não humanos (os nossos e os de Le Guin, em alguma medida) estão dizendo que precisamos aprender a fazer perguntas. “Façam as perguntas certas”, eles nos dizem, para que possa haver essas alianças transespecíficas.

### Considerações finais

Com base na perspectiva sociológica não antropocêntrica da Teoria Ator-Rede e da revisão histórica das transformações do jornalismo, tensionamos a ideia essencialista de jornalismo centrada na agência humana e na visão utilitarista da tecnologia para argumentar a respeito de uma outra ontologia, que não esteja a serviço da separação entre sujeito/objeto e que nos permita vislumbrar um jornalismo de todas as coisas. Apontamos alguns desdobramentos dessas novas associações e conexões nas práticas jornalísticas, assim como desafios postos para a formação de jornalistas.

Entendemos a importância de duvidarmos de uma perspectiva romantizada sobre a entrada desse ator IA na rede de jornalismo. Mas, por outro lado, entendemos que as alianças entre humanos e não humanos fazem parte do jornalismo desde sempre. Porém, é necessário lembrar que as alianças com as linguagens sintéticas mais recentes, que tornaram possível o acesso às suas possibilidades por meio de um simples bate-papo, já estão em negociação tanto nas redações de veículos hegemônicos quanto na rotina dos jornalistas independentes, dos *freelancers* e dos comunicadores que atuam na rede de construção dos relatos jornalísticos. Tal teia complexa, que podemos chamar também de ecologia do jornalismo, celebra, neste momento, essas alianças, enquanto discutimos a sobrevivência do jornalismo, que continua vivo nessas produções híbridas — usando o termo latouriano — produzidas no contrabando, à revelia dos discursos apocalípticos sobre o jornalismo e os mundos que ele traduz.

A breve incursão empírica que fizemos, não sistematizada, apontou a importância de se pensar experimentos científicos que avancem no mapeamento de jornalismo possíveis nessa nova ambiência comunicacional e, para além disso, na invenção de outros modos de traduzir mundos. O jornalismo já foi muitos, pode ser outros também. O que conhecemos agora, nesta defesa

de uma certa ideia do jornalismo como a tradução mais legítima do mundo, não foi assim sempre. Se vamos chamar o que vem aí de jornalismo, será uma decisão posterior, não nos cabe tomar essa decisão agora, sem sabermos do que se trata.

É por isso que também nos dedicamos, por fim, a um exercício imaginativo de alianças possíveis, para além dos usos e apropriações das tecnologias, inspiradas em cosmologias originárias e na ideia de humanidade muito além do humanismo moderno. Sublinhamos a importância do cuidado, expressa na habilidade de saber fazer perguntas, considerando um mundo em que os jornalistas atuam em aliança com as inteligências artificiais. Tal habilidade aponta não somente para a consolidação de um perfil multitarefa para o jornalista polivalente — que definitivamente precisa lidar, de modo mais ou menos desenvolto, com os meandros da programação —, mas também para a urgência de repensar o jornalismo como uma rede de relações, em vez de o resultado de um mero conjunto de ações subjetivas humanas. Acreditamos que a abordagem neste artigo abre portas para uma série de pesquisas e experimentos balizados pela ideia de um jornalismo alicerçado em outras subjetividades para além do humano, nas quais serão pensados, testados e propostos modos de um fazer com nas alianças entre jornalistas e IAs.

**Evandro J. M. Laia** é professor no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, pós-doutorando em Comunicação pela Università di Roma, La Sapienza, e pesquisador do Emergências: coletivo de pesquisa, extensão e ativismo em comunicação (UFOP/CNPq) e do Centro Internacional de Pesquisa Atopos (USP/CNPq).

evandro.medeiros@ufop.edu.br

**Adriana Bravin** é pós-doutora pela Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP), professora adjunta no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, e pesquisadora do Emergências: coletivo de pesquisa, extensão e ativismo em comunicação (UFOP/CNPq) e do Centro Internacional de Pesquisa Atopos (USP/CNPq).

adriana.bravin@ufop.edu.br

**Lara Linhalis Guimarães** é professora adjunta no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora do Emergências: coletivo de pesquisa, extensão e ativismo em comunicação (UFOP/CNPq) e do Centro Internacional de Pesquisa Atopos (USP/CNPq).

lara.guimaraes@ufop.edu.br

**Marina Magalhães de Moraes** é professora adjunta no curso de Comunicação – Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ-UFAM). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal) e pesquisadora do Emergências: coletivo de pesquisa, extensão e ativismo em comunicação (UFOP/CNPq) e do Centro Internacional de Pesquisa Atopos (USP/CNPq).

marina.magalhaes@ufam.edu.br

**Contribuições de cada autor:** Evandro J. M. Laia desenvolveu a fundamentação teórica e a conceituação deste artigo, além da primeira redação, revisão e edição final do texto. Adriana Bravin desenvolveu a fundamentação teórica deste artigo, trabalhou com a conceituação, participou da primeira redação e contribuiu com a revisão do artigo. Lara Linhalis Guimarães trabalhou na conceituação do artigo e contribuiu com a primeira redação do texto. Marina Magalhães de Moraes contribuiu com os experimentos descritos no texto e também trabalhou na revisão e edição final do artigo.

## Referências

ACCOTO, Cosimo. Infoiduality: exploring subjectivations and agentivities in a more-than-human world. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 8-14, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21566/11653>. Acesso em: 19 set. 2024.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-industrial journalism**: adapting to the present. Columbia Journalism School: New York City, 2012. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8N01JS7>. Acesso em: 21 set. 2024.

BORGES JÚNIOR, Eli. **Modo de existência algorítmico**: da verdade como imagem à imagem como verdade. São Paulo: Paulus, 2024.

CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan; DE LUNA, Diógenes; TORRES, Vitor; BACCIN, Alciane; MARQUES, Alberto. Jornalistas e tecnoatores: a negociação de culturas profissionais em redações on-line. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 3, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24292>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CAPOTE, Truman. **À sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DI FELICE, Massimo. Depois do natural e do artificial. As hiperinteligências, os LLMs e as qualidades conectivas da episteme do terceiro milênio. In: **Caderno IHU Ideias**, v. 21, n. 348, 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/348cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

FRANCO, Thiago. Redes de redes e as formas comunicativas do habitar Krahô. In: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete. (orgs.) **Redes e ecologias comunicativas indígenas**: as contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017. p. 89-117.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; FRAGA, Renata. O jornalismo refém do algoritmo do Facebook: desafios regulatórios para a circulação de notícias numa sociedade de plataformas. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 22, n. 2, p. 126-136, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.222.11>. Acesso em: 25 mar. 2024.

KRENAK, Ailton. **Parabolicamará**, episódio 1. Entrevistadores: Lara Linhalis Guimarães, Evandro Medeiros Laia, Ana Miranda, Leiriane Santana, Gabriela Lopes. Podcast Spotify, 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2NU40NVZgWzcratLj3sRzI?si=0-EOrUI3R8ObXD1DOETUFQ>. Acesso em: 25 mar. 2024.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social**: an introduction to Actor-Network-Theory. New York: Oxford University Press, 2005.

LE GRAND, Héloïse Hakimi. How to Use Artificial Intelligence in Journalism Without Losing Audience Trust. **ICFJ40**, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://www.icfj.org/news/how-use-artificial-intelligence-journalism-without-losing-audience-trust>. Acesso em: 23 mar. 2024.

LE GUIN, Ursula K. **A mão esquerda da escuridão**. São Paulo: Aleph, 2019.

LE MOS, André. Dataficação da vida. **Civitas**: revista de Ciências Sociais, v. 21, n. 2, p. 193-202, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/39638>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hackers Editora, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista**: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus, 2009.

MEDEIROS, Evandro. **O jornalismo em equívoco**: sobre o telefone celular e a invenção diferenciante. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2022. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2022/08/O-JORNALISMO-VERSAO-FINAL.pdf>. Acesso em: 21 set. 2024.

MOREIRA, Fernanda Cristina. As formas comunicativas do habitar xamânico. *In*: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete. (orgs.) **Redes e ecologias comunicativas indígenas**: as contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017. p. 119-159.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones**. Barcelona: Gedisa, 2008.

SILVA, T. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: SESC Edições, 2022.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Covilhã: UBI, 2001.

SUZUKI, Shun. O que é Chat GPT e por que alguns o veem como ameaça. **BBC News Brasil**, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-64297796>. Acesso em: 29 mar. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Filiação intensiva e aliança demoníaca. *In*: **Novos Estudos CEBRAP**, v. 77, p. 91-126, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/FLYcMByK8d dHyrFt9HfcMfM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2024.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Desordem informacional**: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Strasbourg: Council of Europe, 2023. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/11609-desordem-informacional-para-um-quadro-interdisciplinar-de-investigacao-e-elaboracao-de-politicas-publicas.html>. Acesso em: 29 set. 2024.

Recebido em 08/05/24 e aprovado em 15/10/24.